

## INTERNACIONAL

Apreciação do real é uma **das vulnerabilidades do Brasil**, diz o Fundo

FMI

Econ. - Brasil

# Perda com a crise chega perto de US\$ 1 trilhão

Relatório do Fundo aponta vulnerabilidades do Brasil e outros países emergentes

FERNANDO EXMAN  
WASHINGTON

## PREJUÍZO GLOBAL

O FMI anunciou que os prejuízos decorrentes da crise das hipotecas nos EUA poderão alcançar US\$ 945 bilhões (em bilhões)



faz parte da série de estudos divulgada antes da reunião ministerial anual do Fundo, "está claro que a atual crise é mais que um simples evento de liquidez. Revela profundas fragilidades e fraquezas, o que significa que seus efeitos devem ser mais amplos, profundos e prolongados".

Para o FMI, a crise já ultrapassou a fronteira do segmento de alto risco do mercado de crédito imobiliário americano. Está chegando aos empréstimos de menor risco de inadimplência concedidos aos consumidores finais e a empresas. Além disso, devido a falhas no sistema de gestão de riscos, instituições financeiras de outras regiões começam a ser afetadas. "É muito difícil dizer a distribuição geográfica da crise", comentou Peter Dattels, chefe da

Divisão de Monitoramento de Mercado Global e Análise do Departamento Monetário e de Mercados de Capitais do FMI.

Já no caso dos países em desenvolvimento, destaca o documento, uma das vulnerabilidades é a possível falta de liquidez internacional. Sofrerão mais os países que apresentam grandes déficits no balanço de conta corrente e aqueles que recebem financiamentos externos para impulsionar o crédito doméstico. Além disso, complementou o FMI, a redução do volume de recursos disponível no mundo deve prejudicar os títulos públicos e os mercados acionários de Brasil, México e Rússia. Entre os países emergentes, o Brasil é um dos principais destinos dos investidores estrangeiros.

O FMI pondera que o mercado de crédito brasileiro cresceu em grande parte devido ao aumento dos depósitos domésticos, e não por causa de financiamentos estrangeiros. Depois de apresentar saldos positivos nos últimos anos, entretanto, o Brasil deve passar a registrar déficits na balança de conta corrente. As expectativas de analistas de mercado captadas pelo Banco Central (BC) são de saldos negativos de US\$ 12,1 bilhões e US\$ 13,9 bilhões neste ano e em 2009, respectivamente.

Não bastasse, o organismo multilateral cita o continuado fortale-

## FINANÇAS GLOBAIS

FINANCIAMENTO EXTERNO DOS MERCADOS EMERGENTES: títulos públicos, mercado acionário e empréstimos (em US\$ milhões)

País	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Rússia	8.452,0	10.864,0	22.025,6	36.826,5	64.264,8	76.349,7
Brasil	9.828,9	13.780,5	16.347,1	27.050,6	29.758,8	63.476,6
China	11.023,0	18.397,0	26.750,0	41.453,3	53.220,3	60.241,6
Índia	1.663,8	4.305,3	15.034,0	23.326,8	30.924,6	54.509,4
Coréia do Sul	18.084,7	18.692,5	28.736,4	44.350,0	40.769,9	50.971,6
Emirados Árabes Unidos	370,0	2.348,1	2.741,0	14.706,9	34.636,2	36.090,3
<b>Total dos mercados emergentes</b>	<b>163.953,0</b>	<b>225.818,6</b>	<b>329.666,2</b>	<b>461.811,5</b>	<b>553.423,0</b>	<b>661.487,5</b>

VARIAÇÃO DA MOEDA DOMÉSTICA EM RELAÇÃO AO DÓLAR AMERICANO (em %)

País	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil	22,4	8,9	13,7	9,4	20,0
Argentina	14,7	-1,4	-1,9	-1,0	-2,8
Chile	21,5	6,7	8,5	-4,0	7,1
México	-7,6	0,7	4,8	-1,7	-0,8
China	0,0	0,0	2,6	3,4	7,0
Rússia	9,3	5,5	-3,6	9,2	6,9
Índia	5,2	5,0	-3,5	1,8	12,3
Turquia	17,7	4,7	-0,6	-4,7	21,1
Euro	20,0	7,6	-12,6	11,4	1,6

Fonte: Fundo Monetário Internacional (FMI)

cimento do real como uma fragilidade. No ano passado, só a alta registrada pela lira turca em relação ao dólar foi maior do que a do real. A moeda brasileira valorizou-se 20% em 2007, contra 21,1% da lira turca. A queda do dólar frente o euro foi de 1,6% no período.

"Os países emergentes têm ido bem, mas precisam de políticas que atuem contra essas vulnerabilidades", comentou Jaime Caruana, diretor do Departamento Monetário e de Mercados de Capitais do FMI. Segundo o FMI, os países que dependem de financiamentos externos precisam implementar planos de contingência que reduzam essa exposição. Assim, conseguirão reduzir o impacto de uma eventual dimi-

nuição da liquidez internacional.

Já o desafio dos países desenvolvidos é agir de forma imediata a fim de mitigar incertezas e aumentar a confiança no sistema financeiro. Para tanto, o FMI endereçou recomendações a empresas e ao setor público. A iniciativa privada tem de aumentar a transparência do mercado e fortalecer as estruturas de governança. Se a interação entre diferentes instituições for ampliada, explicou a instituição, a gestão de riscos será aperfeiçoada.

O Fundo sugeriu também que as instituições recuperem lastro financeiro, o que as ajudará a ter mais capacidade para enfrentar novos solavancos do mercado. "Elas devem se recapitalizar, mesmo que

o custo de se fazer isso pareça alto", sublinhou o relatório. Outra proposta foi a revisão do sistema utilizado pelas agências de classificação de risco, que não agiu de forma eficaz para evitar a crise.

Já as propostas ao setor público foram incentivar a transparência e assegurar a redução das discrepâncias de avaliação de risco entre diferentes grupos financeiros. O FMI cobrou ainda uma maior proatividade e mais fiscalização. Ponderou, entretanto, que se deve evitar uma corrida desenfreada rumo à regulação. Tal movimento poderia aumentar ainda mais o aperto do crédito, alertou. "A regulação não pode substituir a gestão de riscos do setor privado", disse Caruana.

Apesar do otimismo do governo brasileiro, relatório divulgado ontem pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) aponta as vulnerabilidades do Brasil e de outros países em desenvolvimento em relação às turbulências financeiras geradas nos Estados Unidos — como o fortalecimento do real.

As preocupações têm explicação: a estimativa da instituição é que a crise cause perdas agregadas de US\$ 945 bilhões. O montante refere-se aos efeitos negativos sobre os preços dos imóveis, o não pagamento de hipotecas e danos nos segmentos de crédito a pessoas físicas e jurídicas.

Só os estragos nos dois primeiros fatores somarão US\$ 565 bilhões. Se as avarias atingirem instituições financeiras não bancárias, como seguradoras, os estragos serão ainda maiores. Investimentos privados serão cortados, preços de ativos cairão e os balanços corporativos se deteriorarão. Como resultado, a produção e as vagas de trabalho diminuirão.

Segundo o Relatório da Estabilidade Financeira Global, que